

Jornalismo: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização

Journalisme: le plancher de l'usine pour les nouveaux processus de remaniement de la profession dans la société dans les routes de la couverture médiatique

ENTREVISTA: Antonio Fausto Neto

Interview: Antonio Fausto Neto

Resumo

O texto apresenta o conteúdo da conferência ministrada pelo pesquisador Antonio Fausto Neto, por ocasião da aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, ao final de abril de 2015. Em debate com os docentes e estudantes do programa, o pesquisador explorou questões atuais que afetam o campo jornalístico, cujas práticas, processos e produtos são afetados por dinâmicas da sociedade em vias de midiatização. O jornalismo e a sua pesquisa: cenários de estudos e de formação, panorâmica desses desenvolvimentos e a atualidade desse debate. Os temas da agenda jornalística. A ascensão do leitor e finalmente um quarto tópico, que reflete sobre as condições pelas quais o jornalista pode recuperar o lugar protagônico de narrador e produtor dos acontecimentos. Dos modelos clássicos de produção da notícia, às novas ambiências, em que novos atores participam e colaboram com o trabalho do jornalista, Fausto Neto nos apresenta, em linguagem coloquial, um panorama do jornalismo e as profundas transformações vividas pela profissão na contemporaneidade, pontuando uma questão central: qual o futuro dessa profissão? O jornalismo terá futuro após a emergência dessas tecnologias que invadem o tecido social? Transcrição: Prof^a. Dr^a. Joana Belarmino de Sousa (PPJ – UFPB).

Palavras-chave

Jornalismo; Midiatização; Atorização; Notícias; Internet; Ambiências Jornalísticas.

Résumé

Le texte présente la pensée du PROFESSEUR ET chercheur DANS LE CHAMP DE LA COMMUNICATION Antonio Fausto Neto, au cours de la classe inaugurale du programme d'études approfondis en journalisme UFPB, à la fin Avril de 2015. Le chercheur a touché des questions actuelles du champ journalistique, dont les pratiques, des processus et des produits sont affectés par les dynamiques issues de la société en processus de médiatisation: la recherche sur le journalisme - études de scénario et de la formation; les thèmes de l'agenda journalistique; la montée du rôle de lecteur et enfin des réflexions sur les conditions dans lesquelles les journalistes peuvent récupérer la place de protagoniste narrateur et producteur d'événements. Des modèles classiques de production de nouvelles ambiances où de nouveaux acteurs participent et collaborent avec le travail du journaliste, Fausto Neto nous présente, dans un langage familier, un aperçu du journalisme et les profonds changements vécus par la profession à l'époque contemporaine, marquant quelques questions: quel est l'avenir de cette profession? Le journalisme a un avenir après l'émergence de ces technologies qui envahissent le tissu social? Transcription: Prof^a. Dr^a. Joana Belarmino de Sousa (PPJ – UFPB).

Mots-clés

Journalisme; Médiatisation; Acteurisation; Actualités; Internet; Ambiances

ENTREVISTA REALIZADA EM 28 DE ABRIL DE 2015
APROVADA EM 15 DE JUNHO DE 2015

João Pessoa – Brasil | ANO 2 VOL.2 N.1 | JAN./JUN. 2015 | p. 170 a 187

Revista Latino-americana de Jornalismo | ISSN 2359-375X

Em seu Volume 2 Número 1, a Revista Latino-americana de Jornalismo - ÂNCORA participou da aula inaugural da terceira turma do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, ocorrida no dia 28 de abril de 2015, e que trouxe a João Pessoa, o pesquisador, jornalista e professor universitário, Antonio Fausto Neto.

Em uma conferência dialogal, o pesquisador problematizou acerca dos desafios que afetam hoje o mercado profissional dos jornalistas, assim como as reflexões que devem orientar as investigações do campo, afetado pelo paradigma da sociedade em vias de midiatização.

ÂNCORA decidiu recuperar esse diálogo entre o pesquisador, discentes e docentes do PPJ, além de convidados, organizando-o na sua seção de entrevistas, e oferecendo aos leitores, um panorama que toca em algumas das temáticas cruciais para uma radiografia das pesquisas em jornalismo, assim como para trazer à cena do debate atual, dilemas como a gramática dos manuais, ou as estratégias de atorização incorporadas aos processos de narratividade dos acontecimentos.

ÂNCORA dialogou, pois, com a fala do professor Fausto, organizando essa comunicação em quatro grandes tópicos: O jornalismo e a sua pesquisa: Centros de Estudo, panorâmica desses desenvolvimentos e a atualidade desse debate; os temas da agenda jornalística; a ascensão do leitor e finalmente um quarto tópico, dedicado a discutir em que medida o jornalista pode recuperar o lugar protagônico de narrador e produtor dos acontecimentos.

Mantivemos aqui, a coloquialidade dessa comunicação, a qual é chancelada pelo vasto conhecimento do professor Fausto Neto, que dialoga com matrizes de pensamento como a semiótica, ciências da linguagem, antropologia e filosofia, extratos que o ajudam a pensar sobre o campo do jornalismo e os seus desafios, imerso que está, nesse cenário da sociedade em vias de midiatização.

A capacidade investigativa do professor confere-lhe uma extensa atuação junto às universidades e instituições de fomento à pesquisa. É Pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação);

Consultor ad hoc: CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); professor da Unifra; ex-professor nas: UFRJ, UFPB, UnB e PUC-Minas. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa. Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS.

Também é vasta a sua produção bibliográfica, de onde destacamos as obras, **Mortes em derrapagem** (1991); **O impeachment da televisão** (1995); **Ensinando à TV Escola** (2001); **Desconstruindo os sentidos** (2001); **Lula Presidente** - Televisão e política na campanha eleitoral (2003); **O mundo das mídias** (2004).

Antonio Fausto Neto | Doutor *Honoris Causa* - UFPB

Estudioso da comunicação e do jornalismo, a trajetória profissional de Antonio Fausto Neto revela uma longa prática na área do jornalismo, que começa com a sua atuação como repórter, redator e colaborador em jornais como **O Nordeste**, **Gazeta de Notícias**, **Jornal Unitário**, **Jornal Tribuna do Ceará**, **Jornal do Brasil**, **Agência ASAPRESS**, **Rádio Iracema**, **Ceará Rádio Clube**, **TV Ceará** e outras iniciativas desenvolvidas no campo. Para além da graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Juiz de Fora, deu curso a uma bem sucedida formação acadêmica, com Pós-Graduação *Lato sensu* em Comunicação Coletiva pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, Mestrado Acadêmico em Comunicação, pela Universidade de Brasília, doutorado em Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - França (1982) e estudos de pós-doutorado na UFRJ (1990).

Em 2013, recebeu o título de Dr Honoris Causa conferido pela Universidade Federal da Paraíba. A honraria traduzia-se em um preito de gratidão de professores e alunos do curso de Comunicação Social da instituição, onde ele fora professor, entre o fim da década dos setenta e início dos anos oitenta, tendo contribuído para a fundação do curso, tanto em seu lastro teórico disciplinar, como em sua infraestrutura material e de laboratórios. Como dissera Pedro Nunes, em sua saudação ao professor Fausto, por ocasião da cerimônia do título, "... Fausto Neto ao longo de sua vida acadêmica operou com temporalidades dos afetos, das buscas, dos desejos, das mudanças, temporalidades do inconformismo, da construção, dos diálogos transdisciplinares, dos compromissos, da entrega, da argumentação, da paixão, das contradições humanas. Fausto Neto é então esse ser PLURAL povoado de SINGULARIDADES".

Fiquemos, pois, com a comunicação com a qual Fausto Neto realizou a aula inaugural do período letivo 2015.1 do Programa de Pós-graduação em Jornalismo - UFPB.

O jornalismo e a sua pesquisa: Centros de Estudo, panorâmica desses desenvolvimentos e a atualidade desse debate

Eu não pretendo fazer uma fala formal, uma aula, mas venho com o intuito de expor, compartilhar com vocês, algumas questões que envolvem hoje, a pesquisa, a agenda de estudos da formação jornalística. Agenda de estudos que reúne preocupações que estão em grandes centros de pesquisa, sejam eles centros formais como cursos de pós-graduação, sobretudo alguns programas de pesquisa que funcionam em centros internacionais, funcionando sobre responsabilidade de fundações, como a Unesco, mas outros particularmente, sob a responsabilidade de universidades, como o Centro de Formação em Jornalismo da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, o Centro de estudos em jornalismo da Universidade San Andrés, na Argentina, o Centro de Estudos em Jornalismo da Universidade de Lyon, na França, o Centro de Estudos em Jornalismo, em Leicester e em Cardiff, na Inglaterra. Então, todos esses centros que acolhem jornalistas para programas de estudos, treinamento, pesquisa e a capacitação estão hoje, elencando agendas em torno das quais se constituem os relevantes temas que envolvem a pesquisa, visando delinear os cenários de desenvolvimento do jornalismo. E tudo isso parece se constituir numa conjuntura onde o jornalismo e os jornalistas parecem se situar na contramão, ou serem vistos na contramão desses esforços de esclarecimento, de plataformas, de caminhos que possam valorizar o destino dessa profissão e sobretudo desse campo de formação e de conhecimento que é o jornalismo. O que é que eu chamo de contramão? Quero dizer, parece que o jornalismo e os jornalistas estariam na contramão dessas preocupações, na medida em que é repetida, a interrogação, qual o futuro dessa profissão? O jornalismo terá futuro após a emergência dessas tecnologias que invadem o tecido social? Constituindo outras possibilidades de codificação de realidade, sobretudo com a emergência dos chamados amadores? Então, essa profissão terá um futuro formalmente reconhecido diante disso tudo que cerca a sua existência e a sua identidade? Essa é uma pergunta que se faz ao lado de uma outra, que indaga reiteradamente, qual é o futuro do

jornal impresso? O jornal impresso tem os dias contados? Afinal de contas, o que se pode dizer de tudo isso? Essas questões são hoje elencadas como problemas centrais nos grandes centros que estão preocupados com a formação dos jornalistas e com o funcionamento dessa profissão, a partir de uma perspectiva que reconheça a importância da formação universitária, os conflitos que a profissão está encontrando, sobretudo no seu relacionamento com mundo das instituições, mas também, com aquilo que a profissão enfrenta, no âmbito das suas próprias fronteiras internas, na busca de uma identidade, ou seja, o esforço do próprio campo jornalístico no sentido de redefinir sua identidade, interrogar-se sobre o que é o jornalismo hoje, em tempos de midiatisação. O que é o jornalismo hoje, no contexto da internet? Eu acho que, em tese, existem perguntas e respostas pronunciadas com muita aceleração, com muita rapidez, que talvez não levem em conta ponderações mais cuidadosas. São respostas dadas as vezes por zonas de interesses que estão ocupadas talvez em decretar a capitulação do jornalismo como objeto, ou decretar a formação jornalística como problema uma página virada... Eu acho que não chegaríamos a esses extremos, portanto, e preferimos situar problemas interrogativos, que devem ser compartilhados com vocês, e particularmente, devem estar presentes na cotidianidade de um programa de formação de jornalistas como esse aqui.

O que é o jornalismo hoje, no contexto da internet. Eu acho que, em tese, existem perguntas e respostas pronunciadas com muita aceleração, com muita rapidez, que talvez não levem em conta ponderações mais cuidadosas acerca disso.

A Agenda Jornalística e os seus Temas

Eu alinhei uns quatro a cinco pontos para serem considerados, em termos do que significa essa agenda de estudos que envolvem a profissão, e o perfil do jornalista hoje, no contexto no qual todas as práticas sociais, as mais diversas, são atravessadas e afetadas por uma nova realidade sócio-técnica, que estamos nomeando como a midiatisação da sociedade. Todas as profissões, e não somente o jornalismo, como o direito, a medicina, as profissões pedagógicas, as do mundo das ciências, são afetadas no seu território, no seu continente, nas suas fronteiras, por manifestações de mídias que não vieram apenas para se constituir em emblemas, mas

complexificar as condições de produção de contato dos seus especialistas e saberes com a sociedade. Vieram para colocar em cheque muitas vezes, a episteme, ou seja, os fundamentos mesmos de algumas dessas profissões e as condições através das quais buscam seu reconhecimento. E onde é que essas questões questionam os fundamentos de profissões tão importantes como as práticas de saúde, religiosas e científicas? Elas questionam sobre as condições em torno das quais práticas diversas se contatam com o tecido social, ou seja: os médicos com seus clientes, os professores com seus alunos, os políticos com seus eleitores, enfim, toda a relação das instituições, todas elas, que estão às voltas com essa questão: Como maximizar, como qualificar, como repotencializar as formas de contato da minha profissão, do meu saber-fazer com a sociedade e suas demandas? Então, as práticas não midiáticas são fortemente afetadas por essa mutação e particularmente, todas as profissões midiáticas, inclusive a jornalística, são afetadas igualmente por essas mutações, na medida em que os indivíduos dispõem hoje de novas formas de acesso e de domínio aos fundamentos comunicacionais que até então estavam apenas nas mãos dos peritos comunicacionais... Não é somente o jornalismo enquanto um campo específico, mas, todas aquelas profissões que envolvem a atividade comunicacional, além daquelas que envolvem especialistas das ciências humanas, exatas... São hoje interrogadas por paradigmas de mídia.

No que diz respeito às afetações desta nova cultura sócio técnica sobre o jornalismo, eu vou listar cinco ou seis registros, para, a partir daí, procurar o encaminhamento do nosso debate.

Um primeiro tópico dessa agenda, diz respeito à questão do ambiente do jornalismo. O que nós estamos chamando de ambiente do jornalismo, é, digamos assim, o seu grande entorno, tão bem descrito pelas teorias clássicas dos anos 1960. Essas teorias que falavam das rotinas, da divisão do trabalho, dos valores-notícias. Mudanças na ambiência de trabalho afetam largamente a divisão social de trabalho inerente ao mundo do jornalismo. Vemos hoje, que grandes jornais brasileiros, por exemplo, estão a publicizar, estão a autodescrever, as formas e as características de funcionamento dos seus ambientes, nos quais se organiza a produção da noticiabilidade. A redação jornalística já não é mais a redação dos anos 1970, 1980 e mesmo a dos anos 1990. Sintomaticamente, acaba de sair um livro que foi lançado na Folha, recuperando um debate que reuniu

jornalistas importantes, e no qual se discutia o futuro do jornalismo. Mas, o tema que deu o tom da discussão nesse debate foi o futuro da redação jornalística. De um lado, aqueles que defendiam a redação multiplataforma, que abrigasse jornalistas do velho e do novo sistema de produção, e de outro, aqueles que defendiam redações específicas, porque o objeto jornalístico está ainda atravessado por uma complexidade que vai questioná-lo; não está claro ainda para o seu próprio ambiente, para os seus próprios agentes.

Ou seja, essa convivência entre os velhos e os novos formatos, parece ainda ser um enfrentamento importante, não claramente explicitado nas redações, embora na prática, muitos jornais já tenham optado pelas redações multiplataforma, enquanto que outros seguem ainda com os modelos clássicos de redação. Esse é um tema interessante, porque, em torno do ambiente, se apresenta, de alguma forma, uma redefinição daquilo que seriam as condições de produção desse objeto, ou seja, a prática jornalística. O problema é que esse debate, muito importante para o campo, está sendo gerenciado não por jornalistas, não por comunicadores, mas por engenheiros. Engenheiros que estão fazendo uma formação de passagem pelo ambiente dos jornalistas, fazendo impor sobre esse campo, lógicas com ênfase organizacional minimizando as lógicas jornalísticas. Há um livro dos anos 1950 que, ao descrever sobre o jornalismo o associa a figura de uma cidade sem porta. Um livro muito presente nos antigos cursos de iniciação ao jornalismo que eram promovidos pelos sindicatos da classe. O autor Francisco Porta, ao explicar as razões do título da obra, **Cidade sem portas** (Ed. Latina, SP 1960) sublinhava que o jornalismo se caracterizava como uma profissão cujo acesso era fácil, mas quem nele ingressava enfrentava muitas dificuldades para dela se livrar... Parte da imagem construída pelo autor tem um senso de atualidade, mas algo muda na `ecologia do jornalismo` na medida em que seu ambiente é recortado por uma nova disposição de interações, cuja racionalidade inibe, possivelmente, a tensão do coletivo que movimentava as antigas redações. Se outrora, a vivência desta profissão tornava-a mais estimulante e desafiadora, fazendo ali permanecer muitas gerações, muitas das quais fonte de inspiração e de formação para os que nela ingressavam - a ecologia dos tempos atuais possivelmente, dificulta a compreensão deste trabalho coletivo. Agora, no novo recorte organizacional das redações, o mundo silencioso e das cabines digitais obstrui a compreensão histórica e dos signos do que foi o cenário de uma das atividades mais compartilhadas por parte dos seus atores - a

redação de um jornal. Se em tempos passados, a permanência e a compreensão sistêmica da redação caracterizavam a relação do jornalista com a sua profissão, nos tempos atuais de alguma forma, o jornalista é atomizado em um processo caracterizado por fluxos e mobilidades que tratam de levar o jornalista à diferentes pontos de uma nova topografia, onde o cerne da sua relação se dá com equipamentos eletrônicos e digitais. O autor desse adágio, Francisco Patti, pensou o jornalismo como a cidade sem portas, que hoje se transforma no ambiente das plataformas. Neste novo contexto o acontecimento deixa de ser acolhido por um chão de fábrica, denso, plural, com uma hierarquia sob tensão e sob acordos momentâneos, uma sinfonia problemática, podemos dizer. O acontecimento deixa de ser acolhido por esse chão de fábrica, e passa a ser monitorado por um outro desenho de divisão social do trabalho, sobre o qual aparecem muitas variáveis como o da terceirização de atores no âmbito do ofício, a emergência dos administradores de conteúdos, em suma um redesenho que ressignifica a própria natureza da profissão. Esse registro suscita um debate muito importante. Tenho consciência que não posso explorar mais este assunto no contexto desta fala, mas isso nos leva a um outro texto, um belo artigo, que não é considerado um texto teórico, no sentido das teorias de comunicação. Refiro-me ao texto de Robert Darnton, **Notícia: Tudo o que couber a gente Publica**. Robert Darnton¹ é jornalista, antropólogo, historiador, e hoje é não menos que o diretor da biblioteca da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Ele esteve no centro das discussões no amago das negociações feitas com o Google sobre os processos de digitalização das bibliotecas universitárias americanas. Foi uma luta tenaz que se desenvolveu aí, para que se pudesse preservar alguma coisa da aura das grandes bibliotecas universitárias. Então, o que é que Darnton escreve nesse artigo? Ele faz uma etnografia sobre o funcionamento de uma redação americana, particularmente a redação do New York Times. E ali se localiza toda uma história, todo um fundamento, uma filosofia, um campo de conhecimento, toda a sua dinâmica... E o que ele quer dizer com essa expressão, Notícia, tudo o que couber a gente publica? Que essa organização funciona na base de dois princípios: a coleta e a classificação. E em função da disposição dos princípios técnicos do jornal como projeto editorial, é que se decide o que ingressa no circuito da noticiabilidade. A notícia e a sua publicitação resultam do funcionamento do jornal enquanto

¹ DARTON, Robert. Cinema: Danton e o duplo sentido. In: DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

instância mediadora que se edifica segundo princípios editoriais estáveis. Este foi o tema de um dos debates sobre o jornalismo, nos anos 1990. Nós paramos de debater o problema do ambiente jornalístico. E essa questão passa a ser formulada pelos engenheiros. Os engenheiros se ocuparam do projeto organizacional e do problema do fundamento lógico que organiza os preceitos da divisão social do trabalho no âmbito jornalístico.

Então nós estamos às voltas com um novo cenário de produção da noticiabilidade, que escapa largamente das mãos dos editores, e passa fortemente pelas mãos dos engenheiros. Há um fato sintomático que ilustra essa preocupação. Há alguns meses, o jornal **Zero Hora** demitiu dezenas de jornalistas². Eles foram demitidos com um belo discurso, proferido pelo presidente do jornal, onde dizia que foi forçado a demitir os jornalistas porque nessas novas lógicas da produção da notícia, apesar das suas competências, eles não teriam vez. Na prática, isso significa dizer retirar editorias, retirar o jornalismo de cena, do processo, e entregar esses cargos reformulados, a novos jornalistas ou estagiários que trabalham doze horas por dia em atividades seccionadas, muitas das quais têm pouca relação com o princípio holístico da produção da noticiabilidade. Parece-me, se eu não estou equivocado, que esse é um tema central dos estudos de um programa que forma profissionais do jornalismo, em termos também acadêmicos. Sobretudo preparando-os para um debate que não é um debate empresarial apenas, tampouco somente um debate classista, sindical; é antes um debate de concepção de área, portanto de caráter social. E é um debate que perpassa várias áreas, porque essa temática já foi largamente debatida nos Estados Unidos. Aqui destaco a importância de um texto de Richard Senett³, **A Corrosão do Caráter**, onde ele diz que, a lógica do capitalismo é quebrar os elos, as hierarquias das lógicas de instituições centenárias. E substituir esses elos por pequenos remendos, pequenos afetos, ou pequenas emoções, que estejam subsumidos a uma lógica cuja gravitação esteja firmada sob certos ancoras de atividades, presidida por outras racionalidades. Ou seja, reduzir os elos, comprimir os elos, condensar a atividade produtiva segundo a máxima, cada vez mais, com menos. Trabalhar mais com menos estruturas, com menos relações, com menos

² "Presidente da RBS anuncia 130 demissões como expressão de coragem e desapego". Matéria divulgada no site da **Carta Maior**. Disponível em:

<<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Presidente-da-RBS-anuncia-130-demissoes-como-expressao-de-coragem-e-desapego/12/31528>>. Acesso em: 27 maio 2015.

³ SENNET, R. **A corrosão do caráter**: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2012.

atividade de contato e mais atividade de performance dos sistemas. Então, a redação passa a ser um ambiente de performance sistêmica, e menos um ambiente de contato, entre humanos produzindo, criando, reproduzindo aquilo que foi o grande ideal do new jornalismo, criando a partir do sentir, do olhar, do debate interno, do entrevero nas redações, das reuniões de pauta, etc. Então, esse é um tema central, me parece. Mesmo para aqueles que são os ideólogos dessa mutação irreversível, eu acho que esse é um tema central, que por dever de ofício, deveríamos estar colocando no centro das nossas discussões.

Sobre a Ascensão do Leitor: O Deslocamento do Fã para o processo de produção?

Um segundo ponto é a ascensão do leitor. Quando eu falo na ascensão do leitor, não é somente a questão do jornalismo colaborativo, mas falo, sobretudo do acesso do homem ordinário, no dizer de Michel de Certeau, tomando de empréstimo a expressão de Freud, ou seja, deslocando o homem ordinário para uma atividade produtiva, ao longo da nova cadeia de produção jornalística. Ou seja, deslocar o leitor para uma atividade produtiva, para a

Então, a redação passa a ser um ambiente de performance sistêmica, e menos um ambiente de contato, entre humanos produzindo, criando, reproduzindo aquilo que foi o grande ideal do new jornalismo, criando a partir do sentir, do olhar, do debate interno, do entrevero nas redações, das reuniões de pauta, etc.

coprodução da conjuntura da noticiabilidade, segundo a lógica do fazer mais com menos... Essa questão, hoje, está sendo fortemente estudada na Europa e Estados Unidos, sobretudo a partir de especialistas que estão explorando a questão a partir da perspectiva do fã. O fã está sendo submetido à cadeia do ciclo produtivo, na qual ele desponta como aquele que admira, na sua fruição, na sua estética, nos seus afetos pelo objeto, um jogador, um comunicador, um artista, uma celebridade. Mas que a partir de certo desenho de um fluxo de atividade à qual esse objeto está vinculado, instaura-se uma cadeia, e o fã começa a ser mobilizado no interior dessa cadeia, a tal ponto que é convertido numa espécie de agente produtivo do sistema de apoio à celebridade. Ele deixa de ser um integrante

amadorístico do clube do fã, até porque o clube do fã também se transforma numa empresa, numa entidade de coprodução, integrando-se numa cadeia mais sofisticada de prestação de serviços, e ali ele vira um agente produtivo dessa atividade, e muitas vezes sem a contrapartida de remuneração ou de reconhecimento trabalhista. É um voluntário. Pois bem, isso está ocupando largamente, estudos antropológicos nos Estados Unidos e no Canadá. Ou seja, a incorporação do fã, integrado a um dispositivo de produção, onde ele tem uma atividade estratégica na promoção de um produto ou de um olimpiano, recebendo apenas uma rentabilidade simbólica por integrar esse ambiente de produção. *Mutatis mutandis*, a minha posição pessoal sobre a concepção do jornalista colaborador, do jornalista participativo passa por aí também. Isso precisa ser deslindado. Isso precisa ser explicado. Precisa ser questionado, não apenas do ponto de vista da matriz sindical, não é somente isso. Essa colaboração do sujeito que se desloca, ele não se

... essa atividade do jornalista colaborador, ou do jornalista fã, ou do jornalista cidadão, como queiram, é uma problemática que tem que ser examinada do ponto de vista empírico, nas realidades bem próximas a nós.

desloca apenas por um movimento auto espontâneo, ele se desloca por aí, mas também são organizadas plataformas, sistemas para que ele possa se deslocar, ter mobilidade, para um lugar no qual ele possa coproduzir sob certas condições, a atualidade jornalística.

Então, essa atividade do jornalista colaborador, ou do jornalista fã, ou do jornalista cidadão, como queiram, é

uma problemática que tem que ser examinada do ponto de vista empírico, nas realidades bem próximas a nós. Hoje, chama atenção a presença desses segmentos que são induzidos pelos jornais a fazer esse trabalho, mas cuja lógica de trazê-los para a esfera da produção, tem a ver com algo que passa também por uma rentabilidade simbólica, que é a questão da audiência. Temos o leitor transformado em produtor, num sistema de produção, para que ele não migre para outro, integrando um sistema de competição que se expande em bifurcações cada vez mais complexas. Isso também remete ao problema da terceirização. O que é que é a terceirização, em tese? Prometo a vocês que não vou me estender nesse tema, mas, em tese, a terceirização é você quebrar, do ponto de vista formal, do ponto de vista de epistemes reconhecidas, certas proteções, entre aspas, que são exercidas por certos especialistas, e ter de fato a experimentação de todos esses

conhecimentos em várias formas. Quando você quebra isso, você está dizendo que alguém pode fazer sem que, alguns direitos dados pela formação universitária sejam observados, sejam respeitados. Esse é o problema da terceirização, colocado aqui de forma esquemática, a qual está afetando o mundo dos peritos. Ou seja, talvez um campo que há muito, está sendo colocado em questão, primeiro por conta dos direitos trabalhistas e sindicais, agora por um problema estrutural de organização social, é o campo jornalístico. Foi nesse contexto, aliás, diga-se de passagem, que a revogação do diploma foi autorizada. Quando o ministro diz, "jornalista não precisa ter diploma, precisa saber escrever e falar", alguma coisa nesses termos, ele agencia justamente a lógica da terceirização, quebra um pacto de saberes de uma categoria com a sociedade, estabelecendo que agora todo mundo pode fazer isso, porque não há necessidade da existência de um perito da informação para apurar, para observar, para escrever, para interrogar, etc.

Quando o ministro diz, "jornalista não precisa ter diploma, precisa saber escrever e falar", alguma coisa nesses termos, ele agencia justamente a lógica da terceirização, quebra um pacto de saberes de uma categoria com a sociedade, estabelecendo que agora todo mundo pode fazer isso, porque não há necessidade da existência de um perito da informação para apurar, para observar, para escrever, para interrogar, etc.

Como recuperar esse lugar protagônico?

Muito bem, alinhando de um modo diverso, porque o tempo é curto, hoje na Europa e Estados Unidos formula-se outros desenhos, através dos quais o jornalista recupera esse lugar protagônico de mediador. De mediador no sentido de construir um lugar que passa por esses profissionais a possibilidade de explicar realidades. Por exemplo, os jornalistas se constituem em coletivos, produzindo sites onde realizam o que chamamos de jornalismo de dados. O que é o jornalismo de dados? A gente simplificou isso, mas é uma problemática muito mais complexa. Não se trata apenas de vulgarizar grandes relatórios que estão nas mãos de entidades. É mais complexa porque a grande revolução da internet foi a de ensejar condições para que nós tenhamos mais acesso a dados e mais condições para que tenhamos acesso ao outro. Ora, significa dizer que, se essas condições de

acesso são facilitadas, e nos mobilizam, e nós nos deslocamos por força da circulação, buscando apreender mais dados, e construir novas relações, não significa dizer que o acesso uniformize a problemática dos sentidos. Uma coisa é acesso, dinamizado por toda essa realidade da circulação das mensagens, ou aos bancos de dados. Outra coisa, é o que fazemos com isso. E como os bancos de dados são “depositados” em instituições em artigos e em instituições que têm interesse em organizá-los segundo certos pressupostos, isso requer cada vez mais especialistas para destrinchá-los, para desvendá-los. E coloca-los nas mãos da sociedade. E aí desponta um perfil da importância de novos treinamentos a que jornalistas se submetem para fazer face à essa realidade. Realidade do desemprego, do esmaecimento da mediação e a reconfiguração do mercado de trabalho. Então, temos aqui uma questão importante: Como lidar, por um lado, com a ascensão do leitor, que é voraz, no sentido do desejo de se ver como celebridade? O receptor é marcado fortemente pelo desejo de ser visto, de ser lido, de ser registrado, de ser observado. Quer dizer, não pauta nenhuma problemática social no sentido de converter-se num mediador que possa produzir interpretações novas à sociedade, mas é a questão do ser visto, do certificar-se que foi observado, que foi codificado nos serviços, nos índices, etc. Então isso é muito pouco para se poder nomear o futuro da profissão do jornalista, mas esse é um tema que ao meu ver deveríamos não só debater, mas estudar para saber, por exemplo, os meios locais estão se abrindo para essa interação, e sob que condições.

Eu acho que há um grande trabalho investigativo a ser feito, porque senão, nós vamos ser apenas ventríloquos do que nós estamos recebendo, relatórios que estão sendo feitos no interior de redes sociais, alguns muito suspeitos, para produzir definições sobre o que é uma profissão, o que é que é ser um jornalista? Do contrário você fica editando manuais de redação, manuais por exemplo, de como ser um jornalista cidadão, um jornalista participativo. Nem mais os manuais de redação passam a ter importância. Então, você encontra hoje um manual, tirado de qualquer lugar, às vezes nem é assinado, sem qualquer aura de crédito, atribuído à sua responsabilidade ou a sua procedência.

O terceiro tema: A Transformação das Narratividades

O terceiro tema dessa agenda é a transformação das narratividades. Ou seja, a transformação do *modo de dizer*, da enunciação. Em menos de quarenta anos, a mediação, a enunciação, talvez um dos pilares centrais

que marcava a identidade do jornalista, entra em turbulência. Vou explicar isso a partir de algumas poucas pistas. A primeira idealidade que chancelava qualquer jornalista para escrever no jornal, era a objetividade. Ou seja, esconda-se. Não deixe as suas marcas intervirem no seu texto. O texto tem que estar guardado num formato que evite essa irrupção do eu. Daí a primeira mecânica contra a narrativa espontânea foi o *lead*. O famoso *paradigma* das cinco perguntas. É contra isso que emerge o *new journalism*. E, aliás, eu conclamo que vocês coloquem nas bibliotecas de cada um as obras dos autores do *new journalism*, porque foi um momento riquíssimo no qual se rompe com a abjeção, com a tentativa de se esconder o jornalista e quando se coloca em pauta o problema da existência atorial do sujeito jornalista. Aqui se faz despontar as suas marcas, com a escuta, a testemunhalidade, o estilo de escrever, ou seja, esse sujeito existe. Esse sujeito não pertence a uma maquinaria. Ele existe, fala, formula, pergunta. Leiam as obras do Gay Talese, por exemplo, vocês vão ver esse estilo do jornalista, com seu próprio produzir. E perto de nós há a obra de Cremilda Medina que pontua de um modo muito competente e inventivo estas questões no seio do seu trabalho acadêmico.

Ora, há pouco tempo, um jornal estava enfrentando uma cobertura internacional e começou a levar pancada do concorrente. Esse jornal havia substituído o seu editor internacional, por um jovem jornalista que tinha uma formação muito boa nesses preceitos digitais, mas não conhecia nada de relações internacionais. Então, a cobertura tratava da invasão do Timor-Leste, pela Indonésia, me parece, e o jornal

... não adianta substituir o modo de dizer, apenas por uma maquinaria, porque o capital do dizer, passa também por aquele que o produz, ou como diriam os grandes teóricos da enunciação, a enunciação tem uma história.

estava apanhando nessa cobertura do seu concorrente. E havia demitido o seu editor internacional, que era um velho jornalista, com uma bela formação em relações internacionais. Mas o jornal teve que curvar-se aos fatos, e recontratar aquele jornalista. Ou seja, não adianta substituir o *modo de dizer*, apenas por uma maquinaria, porque o capital do dizer, passa também por aquele que o produz, ou como diriam os grandes teóricos da enunciação, a enunciação tem uma história. E se de um lado, toda

enunciação é subordinada a um processo de produção, por outro lado, toda enunciação tem uma história, uma biografia, um trajeto de quem a produz. Não são máquinas que condensam textos em dez centímetros, não são máquinas que exprimem a complexidade da enunciação.

Portanto, da abjeção, emerge o *news journalism*, após há um retrocesso, e a contenção do *news journalism* vem exatamente com a emergência dos manuais de redação.

Os manuais de redação e a narrativa do acontecimento

Não estou querendo dizer que os manuais funcionam como um processo regulador de uma redação, que passa a fazer o seu modelo padrão, de modo linear e automático. Eu quero dizer que os manuais surgem no corpo dessa idealidade. Eles surgem para oferecer uma “gramática” de produção, que passa a inspirar não só os jornais que fazem seus manuais, e que a seu turno, fazem com que o acontecimento seja o que resulta do manual que é adotado, o acontecimento sendo produzido em observação a essa gramática. Pois bem, esse manual de redação vem também para regular o processo da enunciação. Ou seja, voltamos a uma problemática que pertence ao mundo da gramática, de acordo com o que dizem os linguistas. O importante não é a performance, não é a língua falada, a língua em enunciação, a linguística da fala. O importante é a competência sobre o

O importante não é a performance, não é a língua falada, a língua em enunciação, a linguística da fala. O importante é a competência sobre o domínio da língua.

domínio da língua. A competência da gramática que é materializada no manual. Vocês podem encontrar Noham Chomski, um linguista renomado do ponto de vista de argumentos para explicar esses conceitos de diferenças entre performance e competência linguística.

O manual é um retrocesso porque apregoa a idealidade da competência gramatical. A gramática enquanto um saber que organiza o corpo de regras do *modo de dizer*. No Brasil particularmente, nós enfrentamos várias experiências de manuais de redação, uma experiência que ultrapassa largamente os ambientes jornalísticos, na medida em que os manuais de redação viram o padrão da nossa língua. Por exemplo, nas escolas de

formação dos jovens estudantes e mesmo as universidades, passam a adotar o manual de redação como o seu texto gramatical. Substituem o texto da língua portuguesa, a matéria língua portuguesa passa a ser ensinada a partir dos manuais de redação. Ou seja, a nossa “gramática canônica” da língua portuguesa cede o lugar aos manuais de redação. Esse é efeito do campo midiático, efeito da midiaticização, no sentido de que todo saber da sociedade, é um saber que vai sendo irrigado, sob a égide de uma lógica de saber particularmente construído no interior do campo dos midiático-jornalístico. Já há trabalhos muito sólidos sobre a introdução dos manuais nas redações e cujas análises chamam atenção para a defasagem que existe entre as proposições de uso e as estratégias que são efetivamente postas em prática pelos jornalistas (editores, repórteres, etc).

Radicalidade, Mobilidade e Atorização como Estratégias de Narrativas

Por fim, nós temos a radicalização desse processo, não no sentido da abertura para a mobilidade imaginadora, como dizia Bachelard⁴, naquele seu texto belíssimo **O ar e os sonhos**, onde ele discute a relação entre imaginação e mobilidade. Então, qual é a radicalização por que passa este novo momento que esse processo passa? É a de que os jornalistas passam a adotar como referência enunciativa, a atividade atorizante, enquanto manifestação auto referencial. Dizendo de outro modo, o acontecimento resulta da minha capacidade de dizer e da minha capacidade de mobilidade no circuito das tecnologias de comunicação, para que seja eu, eu com meu corpo, o condutor dessa atividade de semantização, dessa produção de sentido.

Essa é uma referência importantíssima para vocês pensarem, porque no primeiro momento em que o **Jornal Nacional** entra em crise, no seu modelo de produção, joga na rua o editor chefe, o apresentador, para, no interior da caravana do JN, colar o jornal, num processo metafórico, às realidades importantes da cultura e do imaginário brasileiro (missões gaúchas, o mundo religioso do padre Cícero, então está lá o Bonner colando o jornal a esses dois imaginários).

⁴ BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Pois bem, esse esforço de tirar o jornal da bancada passa pelo seu vetor principal no sentido desse vetor ser digamos assim, o operador de um dispositivo que já não produz mais sentido na bancada, mas passa pelo corpo-significante dos jornalistas em performances. Outro exemplo interessante dessa situação, é que nessa conjuntura, o jornalista gaúcho Paulo Santana (colunista do jornal **Zero Hora**) e, muito competente na área esportiva, passa seis meses narrando na sua coluna, as etapas de um câncer do qual foi acometido. Ele narra a experiência em primeira pessoa, não só na coluna (desde o diagnóstico, aos tratamentos aos quais se submete), mas ele desloca essa notícia, em todas as mídias nas quais escreve, rádio, jornal, televisão, Twitter, e-mail, deslocando-se também com as tecnologias móveis no interior do processo de noticiabilidade. E ele deságua no mundo do leitor que o transforma em álbum. O leitor que é um fã, recorta cada coluna que registra o sofrimento do Paulo Santana, e acolhe esse material na forma de um álbum. Álbum que vai ficar para a história e que aponta o funcionamento de um novo tipo de circulação de discursos, em termos sociais. Ou seja, o jornalista ingressa na circulação, não com o acontecimento, mas com o próprio corpo, onde ele é fonte, é objeto, ele é recepção também. Com esses deslocamentos ele vira receptor em algum momento. Essa atorização tem a ver com uma fase que desloca a aura do jornalista, na perspectiva de Walter Benjamin, a aura de um narrador, instalado num lugar onde fazia a mediação de um lugar para outro, para ser alguém que exercita o problema do seu ingresso no nicho das celebridades. Essa individuação do processo da produção jornalística, passando por essa singularização e essa performance do corpo, mostra que é o corpo-significante do jornalista quem singulariza esses processos. Mas isso também tem a ver com pesquisas que são feitas sobre relação entre jornalistas e leitores, quando estes últimos sinalizam como identificam o trabalho deste tipo de profissional: - Ah, eu reconheço o que são os jornalistas hoje, porque eles escrevem os seus endereços nas colunas, e mostram figurinhas com suas fotografias. Ou seja, a lógica da anunciabilidade está associada cada vez mais à lógica da visibilidade. Ou seja, colar a anunciabilidade com a formação de imagens. Falei em abjeção, testemunhalidade, atorialidade, como três momentos centrais do nosso nicho, da nossa ecologia, e terminaria, portanto, colocando mais uma questão estudada nos programas, ou seja, as condições de transformação da produção do acontecimento. As lógicas que presidem a produção do acontecimento, elas não estão, como nunca estiveram, somente no campo jornalístico, mas essas lógicas se complexificam porque o acontecimento

resulta de transações de agendas. Não é a “agenda setting” que produz o acontecimento. Ela talvez seja apenas um dos exponenciadores. Mas o acontecimento é transacionado no interior de múltiplas agendas, agendas que se conflitam, convergem, e por serem transações muito complexas, o sistema jornalístico às vezes não dá conta dos processos que cuidariam de codificar o acontecimento. As manifestações brasileiras de 2013 podem significar um bom exemplo dessa questão.

Os acontecimentos são consequências das forças das tecnologias que agora estão nas mãos tanto das instituições como os atores sociais. Esta circunstância enfraquece, de um lado, o trabalho da mediação social confiado ao jornalista. E de outro, redesenha os elementos da racionalidade sobre as quais se edifica a noticiabilidade confiada a peritos de um determinado campo sócio-profissional. Isto corresponde, a algo tratado há pouco e que diz respeito a emergência dos amadores. Também as transformações de fontes em atores que passam a editar suas relações com os jornalistas, enquanto mediadores, na medida em que dominam operações técnicas que, até então, estavam nas mãos de jornalistas. Este fato ao afetar a organização e relações dos campos sociais, principalmente com o campo das mídias, muda substancialmente a noção de referência elemento vital do trabalho da apuração da noticiabilidade, na medida em que faz diluir este elemento que é condição de produção do trabalho da apuração. De alguma forma isso faz pensar que o objeto do jornalismo, que é o fato está em crise, na medida em que seus primeiros atores e leitores, já não estariam mais a serviço da atividade enunciativa na qual sempre se situaram. Há, algo de novo que, em sua monumental obra Eliseo Verón denominou de acoplamentos entre as discursividades dos sistemas sociais (e o sistema midiático é um deles) e aquelas produzidas pelos sistemas constituídos por atores sociais. Trata-se de novas formas de contatos que se produzem entre eles em decorrência da inunção de dinâmicas e operações de mediação ensejando o aparecimento de interações muito complexas, sendo que muitas delas tratam de opacizar as diferenças existentes entre estes sistemas. Resta o trabalho da pesquisa do qual surgirão pistas e revelações das lógicas que sustentam estas dinâmicas nas quais as discursividades (como as jornalísticas) se afetam e se atravessam em novas formas de lutas de produção de sentidos. Quem sabe se este novo cenário fará emergir um jornalista cuja formação o equipará para enfrentar estes novos cenários técnico-simbólicos?